

## **O PROTAGONISMO JUVENIL NO MOVIMENTO DE OCUPAÇÃO: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE SUA IMPORTÂNCIA NO PERTENCIMENTO AO ESPAÇO ESCOLAR.**

DIEGO NODA<sup>1</sup>; LÍGIA CARDOSO CARLOS<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [diegonoda@hotmail.com](mailto:diegonoda@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas - [li.gi.c@hotmail.com](mailto:li.gi.c@hotmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Discutir a ideia de protagonismo juvenil requer pensar em um dos espaços mais importantes nesta fase da vida, a escola. Neste sentido, a sociedade atribui ao espaço escolar a responsabilidade de contribuir significativamente na vida das crianças e jovens para a construção de um futuro mais igualitário, mais humano e mais fraterno. Com base nesta discussão, apresentamos esta pesquisa em andamento, vinculada à linha de Ensino de Geografia e Formação de professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPel – Curso de Mestrado, que pretende discutir o protagonismo como princípio pedagógico para uma educação emancipadora e democrática. Entendemos que:

O termo Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso. [...] O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla (COSTA, 2001, p.179).

A justificativa deste tema está baseada na observação do recente cenário político brasileiro, no que se refere ao espaço escolar, onde se observa, em várias partes do país, iniciativas desencadeadas pelo Movimento de Ocupação<sup>1</sup> que possibilitaram aos/às estudantes se reconhecerem como sujeitos da construção de espaços de vida e aprendizagem. Ações que se desenvolveram em um modelo de escola que, de maneira geral, não instiga a participação dos estudantes nos processos de ensino e aprendizagem, mesmo que esta seja uma das tarefas mais significativas da prática educativo-crítica, pois propicia aos educandos condições de ensaiarem em suas relações maneiras de assumirem-se como protagonistas de suas histórias (FREIRE, 1996). Tendo como base a ideia de que o protagonismo dos/as estudantes pressupõe uma relação dinâmica entre formação, conhecimento, participação, responsabilização, criatividade e desenvolvimento permanente, considera-se que o Movimento de Ocupação, através de sua dinâmica, colaborou para a participação política dos discentes dentro do espaço escolar. Diante disso, o objetivo da pesquisa em curso é compreender de que forma o protagonismo estudantil das principais lideranças do Movimento de Ocupação vinculadas às escolas da 18ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) contribuiu para o pertencimento ao espaço escolar.

---

<sup>1</sup> O Movimento de Ocupação caracteriza-se pelas manifestações estudantis que surgiram nas escolas estaduais de vários estados do Brasil, sobretudo São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, os quais tiveram lugar no primeiro semestre de 2016 com o propósito de questionar, dentre outras coisas, a responsabilidade do Estado em assegurar à sociedade uma educação pública e de qualidade.

## 2. METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa em desenvolvimento tem como método de coleta de dados a entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2002) e como procedimento para a análise de dados os princípios da análise de conteúdo (BAUER, 2002). São sujeitos da pesquisa lideranças estudantis das escolas que tiveram processo de ocupação na área de abrangência da 18ª CRE.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discutir e investigar as ocupações escolares que ocorreram em várias partes do país é reconhecer que os jovens estudantes se interessam por questões políticas e pela política educacional que os Estados oferecem no que diz respeito à escola pública. Foram atos, rodas de conversa, caminhadas e outras tantas atividades que transcenderam os muros das escolas e ganharam visibilidade em um contexto de protagonismo.

Os primeiros registros que se têm sobre as ocupações escolares ocorreram no final de 2015 quando os estudantes da rede estadual de São Paulo resistiram às ideias de reorganização escolar proposta pelo Governador Geraldo Alckmin (PSDB). De acordo com dados do Centro de Referência em Escola Integral<sup>2</sup> que acompanhou o processo de ocupação nas escolas, quando os estudantes tomaram para si o gerenciamento das dinâmicas escolares, os mesmos envolveram-se em atividades que demandavam ações efetivas de autogestão para serem resolvidas, tais como, reparos em rede de água e limpeza em salas e dependências da escola, também tomaram consciência de problemas de infraestrutura que, no geral, dependem da agenda burocrática dos governos. Os processos de ocupação que se estendem para o ano seguinte, 2016, nas escolas do Paraná e Rio Grande do Sul seguiram o mesmo processo e buscaram formas de intervir no rumo da política de suas cidades e de seus estados para garantir uma educação pública e de qualidade para todos e todas.

O movimento de ocupação no Rio Grande do Sul ganhou visibilidade entre maio e junho de 2016, surgindo como ferramenta importante para denunciar o desmonte que a escola pública do Estado vem sofrendo com as constantes modificações legislativas por parte do governo do Estado. De acordo com dados do Índice de Desenvolvimento da Educação (IDEB) do Ministério da Educação (MEC) é possível identificar que em 2016 o Rio Grande do Sul teve índices adequados nos anos iniciais e abaixo da meta nos finais do Ensino Fundamental. O desempenho do Rio Grande do Sul é melhor nas séries iniciais (1º ao 5º ano), chegando a uma média de 5,7 – quando a meta para o Estado em 2015 era de 5,6. Segundo os dados, a rede estadual alcançou o valor definido para a meta do ano que era 5, 5. Nas séries finais (6º ao 9º ano), houve avanço, mas o Estado não atingiu a meta, de 5,1. No Ensino Médio o Estado ficou em sexto lugar em desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O Estado alcançou, em 2015, o pior desempenho desde o início da série histórica do IDEB, iniciada em 2005. O Rio Grande do Sul está em 13º lugar quando comparado com todas as unidades da Federação.

---

<sup>2</sup>**Centro de Referência em Educação Integral** (Por Caio Zinet). Escolas Ocupadas mostram que outra educação é possível e necessária. Disponível em  
<<http://educacaointegral.org.br/reportagens/escolas-ocupadas-mostram-que-outra-educacao-e-possivel-e-necessaria/>> Acesso em 14/07/2017 20h00min

Recentemente a Secretaria de Educação do RS (SEDUC) apresentou os resultados do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (SAERS 2016). Segundo dados da SEDUC, a avaliação foi aplicada em dezembro de 2016, para 151.952 alunos nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática nas turmas do 2º ano do Ensino Fundamental, 6º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio. Percebe-se que nos anos iniciais a concentração de alunos ocorre no padrão adequado, por outro lado, nos anos finais do Ensino Fundamental e no 1º ano do Ensino Médio prevalecem os padrões abaixo do básico.<sup>3</sup>

Estes índices nos apontam para a grande dificuldade de despertar nos estudantes formas de sentirem-se pertencentes ao espaço escolar. Segundo Vesentini (2004), podemos observar que a realidade do ensino no Brasil requer que o poder público reveja as políticas educacionais para que as ciências e a educação sejam valorizadas otimizando assim o desenvolvimento dos espaços educacionais do país. Diante deste contexto, dialogando com Kaercher (2004), surge a necessidade de estimular "um processo de ensino aprendizagem que, de fato, incorpore o diálogo com os alunos como uma prática constante e que (...) os ajude a ler o mundo de maneira mais plural (p.104)".

#### 4. CONCLUSÕES

Espera-se que a dissertação contribua dando visibilidade para a importância da escola no desenvolvimento de sujeitos que tenham argumentos e criticidade frente aos desafios que se colocam no âmbito da educação pública. Outra intenção deste trabalho refere-se à transformação do espaço escolar com base no protagonismo estudantil e no sentimento de pertencimento à escola. Torna-se, portanto, necessário refletir o papel da educação, neste contexto, pois é ela, a principal responsável pela transmissão do conhecimento adquirido, possuindo fundamental importância para a socialização e humanização do homem, assim, tornando-o capaz de analisar seu papel na sociedade, renovando a cultura e construindo a história (ARANHA, 1996). Compreende-se que estas questões preliminares fomentadas neste trabalho são de extrema importância no que diz respeito às contribuições que podem fornecer aos estudantes e aos educadores na perspectiva da reflexão sobre os espaços criados para fomentar a prática de uma educação crítica que possibilite ao aluno ser sujeito de seu conhecimento defendendo de forma efetiva e afetiva uma educação pública, de qualidade.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA. Maria Lucia de Arruda. Filosofia da Educação. 2 ed. SP: Moderna, 1996.

BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W. & GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis, Vozes, 2002.

---

<sup>3</sup> SEDUC – RS: Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/secretaria-da-educacao-divulga-resultados-da-avaliacao-de-rendimento-dos-alunos-da-rede-estadual>>

COSTA, A.C.G. A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação sócioeducativa. 2ª ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001.

\_\_\_\_\_. Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

JOVCHELOVITCH, S. & BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In:BAUER, M. W. & GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis, Vozes, 2002.

KAERCHER, N. A. A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica. 2004. 363 f., Tese (Doutorado em Geografia) – Curso de Pós-Graduação em Geografia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.

VESENTINI J. W. Realidades e Perspectivas do Ensino de Geografia no Brasil. In: O Ensino de Geografia no Século XXI. (Org.) 7ª Ed – Campinas, SP: Papirus, 2004.